

Claudio Donato

COLEÇÃO: Ensaios Filosóficos
VOLUME III:
Schopenhauer: “A Vida é Sofrimento”



Claudio Donato é filósofo, formado pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), estudioso de metafísica, ontologia e fenomenologia.

QUINTO ENSAIO: Schopenhauer: “A Vida é Sofrimento”

Introdução

Este ensaio não é fiel à palavra de Schopenhauer, de modo que é mais uma apropriação do que propriamente uma interpretação. As citações, no entanto, mostram exatamente o que disse Schopenhauer, e as comparações mostram o que digo eu, como ilustrações da minha interpretação acerca do que disse Schopenhauer.

Parágrafo 56 de “O mundo como vontade e como representação”:

A Vontade é livre e, nesse sentido, é onipotente. Sua exteriorização, no entanto, nos aparece conforme a forma do conhecimento, cujas leis tornam todo fenômeno determinado e, portanto, não-livre. (MVR I 363). O conhecimento dos motivos, submetido ao princípio de razão, realiza a vontade de vida da Vontade em sua cegueira. Esta cegueira da vontade é compartilhada pelo indivíduo,

tão seu cervo quanto seu próprio intelecto, guia do indivíduo e servo da Vontade.

Há uma certa identidade entre Puro Sujeito do Conhecimento e Vontade (coisa-em-si), de modo que esta identidade se mostra como clarividência: uma Vontade (universal) que, essencialmente cega, ao ser negada pelo Sujeito Puro (também universal), por meio do autoconhecimento, se transforma em um quietivo da própria vontade: ou seja, o indivíduo, ao “elevant-se à universalidade”, como puro sujeito, num momento de genialidade por exemplo, silencia a si mesmo como indivíduo e silencia a vontade em sua cegueira e “tagarelice”. Com outras palavras, ao silenciar a Vontade, pela negação, o Puro Sujeito reflete a própria Vontade, em sua essência. Este reflexo é o que Schopenhauer denominou “límpido espelho do mundo”. É neste espelhamento (Puro Sujeito e Vontade) que reside o reino da liberdade: ser livre é não querer nada. Ao passo que o indivíduo que quer, quer segundo as leis do conhecimento conforme ao princípio de razão suficiente: o reino da necessidade. Neste sentido, a noção de livre-arbítrio estaria também submetida ao princípio de razão e, como um querer algo, refere-se sempre a uma potência do indivíduo, não como possibilidade, mas como necessidade.

Os conceitos de liberdade, necessidade e caráter são explicitados a partir da relação entre querer e não-querer: as questões centrais da vida, cuja essência é a Vontade. O mundo da vida e do sofrimento pertence à Vontade do mesmo modo que ao sujeito pertence o objeto (Idéia).

Conhecer os motivos da Vontade segundo o princípio de razão é saber o que fazer para perpetuar o sofrimento no mundo. Este tipo de conhecimento se distingue radicalmente do conhecimento do sujeito, cujo objeto de apreciação é a Idéia e não as relações entre as coisas. Quanto mais se desenvolve a inteligência (o intelecto), tanto mais se sofre, pois o intelecto é o servo da Vontade, um instrumento para sua auto-preservação. Somente quando o intelecto se rebela contra a Vontade, ao atingir um excelso nível de inteligência, expresso na genialidade, é que finalmente o intelecto se torna livre. Liberto da Vontade ao se exceder a si mesmo, o intelecto se revela como a condição de possibilidade da própria genialidade. Assim, o intelecto, servo da Vontade, se torna livre; e o indivíduo, submisso aos ditames do princípio de razão, se torna também livre, ao comungar, na Idéia, com o puro sujeito do conhecimento: “límpido espelho do mundo”.

O “eterno retorno” autofágico da Vontade não encontra satisfação nem descanso últimos. Há apenas o esforço sem fim:

A existência da planta é da mesma forma um esforço interminável, nunca satisfeito, um impulso incessante através de formas ascendentes cada vez mais elevadas, até que o ponto final, a semente, torne-se de novo o ponto de partida: e isso se repete ao infinito: em parte alguma encontrando um fim, ou uma satisfação, ou um repouso. (...) em todos os lugares as diversas forças naturais e formas orgânicas disputam entre si a matéria, na qual querem entrar em cena, na medida em que cada uma possui tão-somente aquilo que usurpou da outra, e, com isso, perpetua-se uma luta contínua de vida e morte. (SCHOPENHAUER, 2005, p. 398).

Na luta entre vida e morte a única coisa que permanece é a própria Vontade. Na realização efêmera de seu fim passageiro encontramos um pouco de *satisfação*; e o obstáculo ao seu ímpeto cego Schopenhauer denomina *sofrimento*. O sofrimento não apenas opõe-se à Vontade como

também ilustra a sua essência como falta. Por este motivo a vida é sofrimento:

Pois todo esforço nasce da carência, do descontentamento com o próprio estado e é, portanto, sofrimento pelo tempo em que não for satisfeito; nenhuma satisfação, todavia, é duradoura, mas antes, sempre é um ponto de partida de um novo esforço, o qual, por sua vez, vemos travado em toda parte de diferentes maneiras, em toda parte lutando, e assim, portanto, sempre como sofrimento: não há nenhum fim último no esforço, portanto não há nenhuma medida e fim do sofrimento. (I 365, p. 399).

A vida, portanto, é sofrimento. Na medida em que retorna eternamente ao seu ponto de partida, à sua semente e, ao findar enquanto fenômeno, dá lugar a um outro fenômeno, ávido por também se devorar a si mesmo. Há sofrimento inclusive no mundo mineral. Na vida animal, no entanto, este “sofrimento incessante é fácil de demonstrar” (I 365).

Queremos, contudo, sem nos determos neste estádio intermédio, dirigirmo-nos para lá onde, iluminado pelo conhecimento mais límpido, tudo entra em cena da maneira mais distinta, a saber, na vida do homem. Em realidade, à medida que o fenómeno da Vontade se torna cada vez mais perfeito, o sofrimento se torna cada vez mais manifesto. (SCHOPENHAUER, 2005, p. 399).

Quanto mais sensibilidade se tem, mas sofrimento se sente. Por isso o homem é a manifestação mais perfeita da Vontade. Não apenas porque tem mais sensibilidade, mas também porque tem inteligência superior: quanto mais se conhece a Vontade, mais se sofre. Por isso o sofrimento acentuado no gênio. Sua angústia somente se dissolve nos momentâneos “acessos” ao puro sujeito do conhecimento: clarividência e descanso da angústia que é viver. “O homem no qual o gênio vive é quem mais sofre” (I 366, p. 400).

Quanto mais consciente se é de sua condição em relação à Vontade, tanto mais se sofre. Do mesmo modo que tudo é Vontade,

Schopenhauer conclui este parágrafo dizendo: “toda a vida é sofrimento” (I 366, p. 400).

Parágrafo 57 de “O mundo como vontade e como representação”:

A Vontade se manifesta sempre como indivíduo, em todos os graus de sua objetividade. O indivíduo humano tem “sempre um *quando* e um *onde* relativos de sua existência, não absolutos. Pois o lugar e duração do indivíduo são partes finitas de um infinito, de um ilimitado. Sua existência propriamente dita se encontra apenas no presente, e seu escoar sem obstáculos no passado é uma transição contínua na morte, um sucumbir sem interrupção; visto que sua vida passada, tirante suas eventuais conseqüências para o presente, e tirante também o testemunho sobre sua vontade ali impresso, já terminou por inteiro, morreu e não mais existe”. (I 367, p. 401).

Este aspecto de presentidade da existência, que significa apenas um instante de permanência entre o passado e o futuro, entre o passado já morto e a expectativa de morte no futuro, indica o caráter trágico da existência pensado por Schopenhauer, de modo que o estar vivendo entre passado e futuro é sempre um estar morrendo, um morrer constante,

porque a cada instante o presente se torna passado. A expectativa no futuro não é expectativa de vida, mas é um adiamento da morte certa. (I 367, p. 401).

Uma questão que poderíamos nos fazer agora é: Se a vida é sempre a morte adiada e se viver é sofrer; por que não nos matamos todos? O que impede o suicídio como única alternativa? A resposta provisória que posso dar é a seguinte: Não nos matamos todos porque todos queremos. O querer, não apenas o querer viver, mas o querer em geral precisa de um estar vivo para querer. O vazio do desejo como falta, cujo sentido foi apropriado pela psicanálise e cuja gênese o discurso da sábia Diotima já mencionava um eros como falta, é o vazio como sentido da busca existencial: ninguém quer o que já tem. Todos queremos o que não temos. Mas o que queremos é desejo insaciável, porque o que temos é somente o que somos e o que não temos é todo o resto.

Segundo Schopenhauer, o que nos faz não desistir da vida não é exatamente amor à vida, mas sim o medo da morte: um temor pelo nada que espreita esperando o seu momento de entrar em cena. Sua entrada em cena exige, necessariamente, a saída de cena da vida, sua rival. Talvez a vontade de vida seja a mesma vontade de morte.

“O que as fez [as pessoas], por tanto tempo, travar essa luta árdua não é tanto amor à vida, mas sim temor à morte, que, todavia, coloca-se inarredável no pano de fundo, e a cada instante ameaça entrar em cena”. (I 368, p. 403).

“A morte tem de vencer, pois a ela estamos destinados desde o nascimento e ela brinca apenas um instante com sua presa antes de devorá-la”. (I 367, p. 401).

A morte “brinca apenas um instante com sua presa antes de devorá-la”. O que isto significa? Significa que o brincar da morte é própria vida; a vida é o *playground* da morte, cujos brinquedos somos nós mesmos e todos os entes que vêm a ser para instantes depois deixar de ser. Cabe agora a niilista pergunta do Mefistófeles, de Fausto:

II.600:

Acabou! Palavra tola!

Acabou por quê? Tolice!

Acabou, nada integral, insípida mesmice!

De que serve a perpétua obra criada,